

GRAU DE DESTRUIÇÃO

O fogo é belo e queimar é um prazer. Um prazer muito especial ver coisas arderem, vê-las calcinar-se e mudarem. O fogo explodindo como um vulcão: as labaredas subindo, volteando com violência, silvando e consumindo, abrindo insuportáveis corolas de fogo com pétalas rubras e revoltas, multiplicadas num milhão de reflexos acobreados.

As mangueiras dos bombeiros não lançam água, mas combustível. Tudo se consome sob o seu avanço: mato, floresta, pomares, casas, pessoas... O Comando-Geral recebeu ordens claras. Os camiões-cisterna são atestados de acordo com as instruções e a cadeia de comando funciona da forma prevista. No terreno, homens e mulheres, vestidos com fatos ignífugos, estranham a progressão do fogo que supõem combater.

Tudo começa por um imperceptível fiozinho de fumo. "Atenção ao Comando: posto de vigia n.º 2 detecta provável início de incêndio em área florestal, a 270 graus". A mensagem é prontamente recebida e respondida: "Ordem para aguardar 43 minutos e 27 segundos. Só passado este tempo deverão confirmar a ocorrência e verificar a direcção. Percebido?" É chamada a corporação mais afastada da área de comando, com as suas modernas viaturas de combate, os seus reluzentes

uniformes, o seu completo desconhecimento da área, a sua total inaptidão para fazer face a uma situação não prevista no protocolo de ataque a incêndios urbanos.

Ao fim de três dias, o incêndio alastra-se até ao infinito. As populações circundantes contorcem-se perante o terror magnífico do fogo. O Secretário de Estado das Causas Perdidas chega ao local, sob nuvens de fumo implacável, com a sua cara de consternação instantânea apontada para as câmaras de TV. O Governador Civil, furibundo, decreta a Caça ao Homem. O Presidente da Autarquia, extenuado pelas declarações ininterruptas, chora baixinho. Tudo está a acontecer conforme planeado. "É importante que o país saiba que estão a ser tomadas todas as medidas necessárias para fazer face a esta situação de calamidade".

A funcionária de topo de carreira está hoje sozinha no gabinete do Senhor Secretário de Estado. Recolhe um dossier e dirige-se ao incinerador instalado há anos na parede do gabinete. Ali se arquivam todos os documentos indesejáveis ou inconvenientes. "Medidas de prevenção de calamidades públicas". "Planos de formação e de combate a incêndios florestais". "Formação de brigadas de primeira intervenção". "Reestruturação do sistema de coordenação e vigilância de

incêndios florestais". Nada do que contrarie a actual e a anterior política de incúria destinada ao sector deverá permanecer em circulação. A porta do incinerador fecha-se com um metálico clique.

Chega um dia de chuva. Todos respiram de alívio. Novas medidas são anunciadas, certas, necessárias, eficazes. Os Três da Vida Airada refugiam-se sob as declarações do Senhor Chefe do Governo, como sob um imenso guarda-fogo. A caridade pública enche contas bancárias, com o pretexto de ajudar a reconstruir os escombros.

A natureza é caprichosa e a temperatura volta a subir. Mas, desta vez, não é necessária qualquer espera nos postos de vigilância, nem qualquer confirmação: estão simplesmente vazios. De novo o sinal de alarme soa. De novo a corporação de Cascos de Rolha volta ao local do sinistro nos seus impecáveis uniformes de inépcia. E de novo o circo mediático traz a um país atónito o "replay" dos incêndios florestais.

28 de Setembro de 2003

Manuel Miranda Fernandes

P.S. - Qualquer semelhança com a ficção é pura coincidência.

P.P.S. - Um agradecimento muito especial a Ray

AVE * MANIFESTO

* LIGHT MY FIRE

Findo o verão quente, de uma abrasadora irresponsabilidade política fundada em décadas de abandono de um interior pobre, descaracterizado, queimado e sem sonho, a AVE exprime aqui a sua veemente e total solidariedade para com aqueles que teimosamente lutam por um interior vivo, espécie de reserva de um país sem rumo, sem ideal que não seja um qualquer chavão financeiro.

Mas porque queremos que a nossa solidariedade seja consequente, a AVE está empenhada na organização de um conjunto de iniciativas orientadas para a acção e reflexão face à necessária inversão de um modelo de desenvolvimento que abandonou o interior do país, deixando-o definhar aos pés da Política Agrícola Comum e dos Fogos Florestais. O mês de Novembro trará novidades.

Indagar o porquê dos fogos florestais leva-nos muito longe, a séculos de litoralização, primeiro centrada na capital do império, mais tarde no eixo industrial Setúbal-Porto e mais recentemente na metropolização de Lisboa, Porto e quem sabe num futuro próximo de Setúbal, Aveiro, Braga...

Concentração urbana autêntico sorvedouro de gente e finanças, que sangra um interior envelhecido, sem vocação. A metropolização bandeira de políticos e seus caciques é o novo "deus ex machina" dos arautos do progresso e como tal o inimigo público a abater por aqueles que querem um território coeso e funcionalmente apropriado.

País curioso este que se envolve na organização de um europeu de futebol, na disputa caciquenta de linhas e mais linhas de comboio de alta velocidade e na organização de capitais "à la carte" e tem linhas ferroviárias do século passado, pontes em ruína e hospitais paupérrimos.

Como combater os fogos florestais?
Algumas sugestões:

A-Imediata cessação de investimentos nas áreas metropolitanas, na criação de novas acessibilidades e equipamentos, única forma de estancar uma "pescadinha de rabo na boca" – investimento em equipamentos e acessibilidades, criação de emprego, atracção de recursos humanos do interior, desvitalização e desinvestimento no interior rural, novos investimentos nas áreas metropolitanas para fazer face à concentração

exponencial da população migrante;

B-Uma efectiva descentralização de serviços, deslocando recursos e competências para associações espontâneas de municípios vizinhos;

C-Um investimento massivo em equipamentos e acessibilidades nas cidades e vilas do interior, criando-se uma rede interdependente de centros regionais geradores de dinâmica económica, emprego e identidade funcional;

D- O imediato delinear de uma reforma do sector agrícola, assente na pequena exploração, no associativismo e em práticas agrícolas sustentáveis no domínio ecológico e económico.

Pois é. Algumas não serão politicamente muito correctas. Mas parece-me por demais evidente que na inversão do modelo de desenvolvimento do país a urgência de actuação não será tanto o "futebolês" e caricaturado desfasamento Lisboa-Porto, mas antes no vergonhoso desinvestimento financeiro e de vontade no interior que agora arde, por parte de gerações e gerações de elites medíocres, que se vestem, comem e reproduzem incompetência no Portugal alfabeto e tripeiro.

A miséria ou glória de um país está naquilo que o seu povo aspira. As elites compete alimentar o sonho, fazê-lo acreditar. Em quê? Terra queimada...

O fogo que consumiu Portugal queimou a restea de esperança de muitos de nós, afirmando definitivamente a descaracterização de um país, sem identidade e sem alma, que navega ao-sabor da correnteza.

Que nos resta? Lembrando-me de Umberto Eco, poderia dizer que entre apocalípticos e integrados, nos resta o poder do juízo crítico, de pensarmos e agirmos num país amorfo que adormece em frente à televisão.

O manifesto em que a AVE está a trabalhar, em defesa de um novo modelo de desenvolvimento para Portugal será parte desse esforço crítico, que poderá e deverá envolver todos, associados ou não, através da sugestão e participação nas acções a desenvolver-se no mês de Novembro.

P.S.: Qualquer sugestão relativa ao delinear do manifesto ou a acções no terreno será bem-vinda, enviadas para o nosso apartado, AVE – Apartado 73 – 4810 Guimarães, ou para o endereço electrónico ave.eco.mail.pt.

Alvaro Martins Cabral

CADERNO DE

Nome científico: Junglas regia L.

Nome Comum: Nogueira

Aspecto: Árvore de grande porte que pode atingir os 25m de altura.

Apresenta uma copa larga.

Folhas: Têm normalmente entre 20-45 cm de comprimento e geralmente são compostas por 7 folíolos elípticos, até 15cm de diâmetro. O folíolo terminal é geralmente maior do que os laterais.

Flores: As flores masculinas são amentilhos cilíndricos de cor amarela, pendentes, até 15cm. As femininas são amentilhos pequenos e verdes. Ambos crescem nos rebentos. A floração ocorre em Maio- Junho.

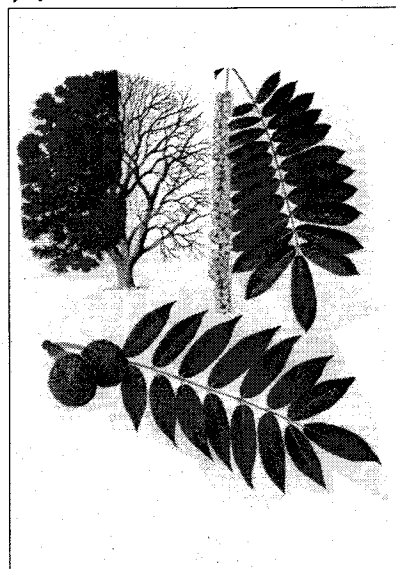
Frutos: Possuem 4-5cm e apresentam uma forma entre globulares e ovados. Apresentam uma cor castanho-esverdeado e são carnudos. No interior encontra-se a semente que é precisamente a noz comestível. A frutificação dá-se em Setembro- Outubro.

Casca: É longitudinalmente gretada de cor cinzento-claro e cinzento-escuro.

Distribuição: Aparece no Sudoeste da Ásia e Mediterrâneo Oriental. Plantado e aclimatado em quase toda a Europa.

Localização: Prefere solos fundos, frescos, calcários e ricos em nutrientes. Trata-se de uma espécie fotófila. Muito sensível à geada.

Identificação: É uma espécie fácil de reconhecer pelas suas folhas. As suas folhas quando esmagadas e a casca verde dos frutos lançam um intenso aroma. Quando desabrocham, as flores





a árvore no

espaço urbano

Árvore, desde há muito deixaste a floresta e conquistaste as nossas cidades. Jardins, parques, praças, ruas, estradas, sebes, tu lá estás, por todo o lado, companheira de todos os dias. Mil formas, mil rostos, mil cores combinas com o espaço e com a arquitectura (Emmanuel Michau).

À medida que a densidade populacional aumenta, a mata (floresta) vai-se tornando mais residual, até a um estado limite em que a vegetação arbórea apenas figura como estrato de maiores dimensões da orla, em núcleos de pontuação esparsa ou em áreas residuais impróprias para o uso directo das populações humanas. Assim, partimos do "fim da floresta" numa caminhada lenta para o jardim. (adaptado de texto do Professor Paulo Farinha Marques no Seminário de Espaços Verdes - Do Jardim à Floresta, 2003).

A partida, podemos considerar esta afirmação como sendo um contra senso evolutivo, uma vez que caminhamos de um estado evolutivo "maior", a floresta, para um "menor", o jardim, ou os pequenos e escassos espaços verdes na cidade. No entanto, tudo isto faz sentido, uma vez que o aumento populacional pressupõe o aumento da urbanização e uma consequente diminuição da floresta que, aos poucos e poucos, se manifesta apenas em pequenos pontos das nossas cidades.

A floresta urbana surge, então, em jardins, avenidas, parques, praças, zonas desportivas e de recreio, nas faixas marginais de vias rápidas, nos triângulos ou rotundas e até nos separadores de trânsito, mas a árvore, nestes casos, parece assumir-se como parte integrante dessas infra-estruturas. Considerar tal facto é, na verdade, menosprezar este ser vivo que responde às estações do ano, à chuva e ao vento, aos cuidados e às agressões, que nos recorda e simboliza uma natureza distante, cresce e envelhece connosco, faz parte integrante do nosso quotidiano.

Mas, afinal, qual é verdadeiro papel da árvore no espaço urbano?

O conceito mais funcional da árvore no espaço urbano prende-se com as funções que esta

desempenha em termos ambientais, paisagísticos, sociológicos ou até mesmo psicológicos e não com o conceito mais vulgarizado que é o da sua função estética.

A árvore ornamenta a cidade, embeleza-a pela sua postura singular, principalmente no auge das estações, modificando a paisagem monótona do betão armado. Mas a árvore significa muito mais: proporciona sombra e protecção; purifica o ar que respiramos; é promotora de retenção de água e da diversidade biológica; protectora do solo, evitando a derrocada de terrenos aquando das intempéries...

No entanto, apenas os exemplares saudáveis são capazes de se revelarem na sua plenitude, na sua melhor forma e expressão ornamental e só esses conseguem desenvolver as suas capacidades funcionais. Não podemos deixar que toda uma panóplia de cabos e de canos de esgotos, que constantemente se levantam e voltam a enterrar, e os passeios e ruas que se alteram muitas vezes, continuem a perturbar e a tornar o solo cada vez mais exíguo, pois este é o suporte vital do bom desenvolvimento da árvore. Por isso, é essencial uma silvicultura ajustada ao meio urbano, para a melhoria do desenvolvimento ambiental, social e do próprio bem estar das populações urbanas. Assim, são necessárias técnicas preventivas para o aumento de tempo de vida e de sanidade das árvores e de todos os seus benefícios. Deve fazer-se uma escolha judiciosa das espécies (se possível as autóctones) que melhor se adaptam à sua finalidade, uma organização precisa do dimensionamento, localização e preparação do espaço, e ainda uma manutenção atempada e rigorosa.

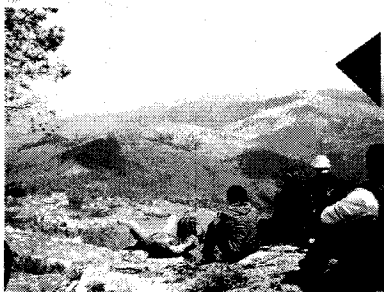
Não nos podemos ainda esquecer que certos jardins são monumentos vivos legados pelos nossos antepassados, representando por vezes um verdadeiro património arbóreo, o nosso património natural.

Apenas a árvore certa, no local certo, devidamente acompanhada e protegida, trará à população citadina a verdadeira floresta urbana.

Dionísia Fernandes
Eng^a Florestal

ACTIVIDADES REALIZADAS

Trilho do Pisão (Riodouro-Cabeceiras de Basto): um vale...um rio e um "Nariz do Mundo" para almoço. Os que foram querem mais... para os que não foram, esperem pela próxima (23 de Fevereiro de 2003).



Fim de semana na Serra da Arada: espaços abertos e natureza a perder de vista (25/27 Abril de 2003) - Imperdível.



INFORMAÇÃO AOS



ASSOCIADOS ELEIÇÕES

Irão decorrer as eleições para os corpos sociais da AVE para o biénio 2004/2006 a realizar no próximo dia 25 de Outubro entre as 16h e 17h. O sufrágio decorrerá no Parque da Cidade (junto ao início do circuito de manutenção).

Paralelamente ao acto a AVE irá realizar um pequeno magusto. Corpos Sociais (lista única):

ASSEMBLEIA GERAL:

Presidente: Manuel José da Silva Miranda Fernandes

Vice-Presidente: Carlos Duarte da Silva Araújo Ribeiro

Secretário: Dionisia Daniela Alves Fernandes

DIRECÇÃO:

Presidente: Alcino José Martins da Silva Casimiro

Vice-Presidente: Susana Pita da Costa Poças Falcão

Tesoureiro: Américo Gonçalves de Faria

Vogal: Carolina Sofia Martins Ferreira

CONSELHO FISCAL:

Presidente: Nuno Gaspar Fernandes de Freitas Paúl

Vogal: Susana Maria Candeias Nobre Casimiro



próximas

"Trilho da Silha dos Ursos"

Local: Serra do Gerês (Campo do Gerês)

Distância: 9 km

Dificuldade: média

Data: 18 de Outubro

Almoço: Levar merenda

Local de encontro: 10.00h* Parque das Hortas—Guimarães

"Trilho dos Moinhos de S. Torcato"

Local: S. Torcato—Guimarães

Distância: 8 km

Dificuldade: baixa

Data: 15 de Novembro

Almoço: Levar merenda

Local de encontro: 10.00h* Parque das Hortas—Guimarães

Conferência – 21 de Novembro

"Portugal, que floresta e sua sustentabilidade?"

Local e oradores a confirmar * Consulte o site da AVE» www.ave.web.pt

"Trilho no Moscoso"

Local: Serra da Cabreira

Distância: 6 km

Dificuldade: baixa

Data: 17 de Janeiro

Almoço: Restaurante "Nariz do Mundo" (o pesadelo dos vegetarianos)

Local de encontro: 10.00h* Parque das Hortas—Guimarães

Conselhos Úteis— Aconselha-se o uso de calçado confortável, preferencialmente impermeável.

INFORMAÇÃO



A AVE em reunião de Direcção decidiu que em actividades futuras passará a cobrar o valor de 5 euros por cada participante nas suas actividades. Os sócios, as crianças e jovens até aos 16 anos estão isentos de qualquer pagamento. Esta medida prende-se com razões de manutenção operativa da Associação. A AVE agradece a vossa compreensão.

Novo Endereço: AVE -

APARY-73